

A FITOTOPONÍMIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Lucas Blaud Ciola¹

Resumo

Apresentaremos dados e análise linguística de fitotoponímia do Estado de São Paulo. A fundamentação teórica se apoia na interdisciplinaridade própria da toponímia (estudo de nomes de lugares) tendo aqui a ecologia como base. A metodologia parte de seleção de dados do banco do IBGE. Para a análise desses dados, usamos categorias de modo a nos proporcionar uma análise linguística. Depois, a partir de uma análise ecológica, desprendemos apontamento sobre a possibilidade de usar os fitotopônimos para orientar planos de reflorestamento e restauração ambiental.

Palavras-chaves: Fitotoponímia; Toponímia; Ecologia.

Abstract

We will present data and linguistic analysis of phytoponymy from the State of São Paulo. The theoretical foundation is based on the interdisciplinarity typical of toponymy (study of place names) with ecology as a basis. The methodology starts from the selection of data from the IBGE database. To analyze this data, we use categories to provide us with a linguistic analysis. Then, based on an ecological analysis, we learned about the possibility of using phytoponyms to guide reforestation and environmental restoration plans.

Keywords: Phytoponymy; Toponymy; Ecology.

1. Introdução

Fitotoponímia é um estudo que trata dos nomes dos lugares e a relação com nomes de plantas, árvores. O trabalho que aqui se apresenta parte de um levantamento dos fitotopônimos presentes nas cidades do Estado de São Paulo e tem como objetivo responder a duas questões:

- a) O que se pode conhecer sobre a língua, a história, a economia e os povos que nomearam lugares com fitônimos?
- b) É possível se apoiar em informações toponímicas para elaborar planos de reflorestamento e restauração ambiental?

Notemos que os fitotopônimos também apontam para uma relação entre ser humano e natureza quando este anexa um significante que traz uma informação botânica (o nome) em um significado geográfico (o lugar).

¹ Mestre em Linguística (DL-FFLCH-USP) E-mail. lucas.ciola@hotmail.com

Vem, por fim, aplicar as Ciências Onomásticas no campo da Ecologia evidenciando seu caráter interdisciplinar, transcendendo os planos da teoria abstrata e dando suporte à criação de tecnologias sustentáveis como os processos de restauração ambiental, e estratégias de reflorestamento.

2. Fundamentos Teóricos

A ideia de que a toponímia abarca uma visão interdisciplinar já foi estabelecida por Camps Iglesia & Noroña Vilá (p.11-12) ao analisar a toponímia cubana:

Al estudiar la significación del topónimo, igualmente entran en juego una serie de factores, entre ellos y de modo principal los lingüísticos, ya que a través de los componentes lingüísticos los nombres de lugar cobran un significado que resume toda la historia de relaciones económicas, políticas, sociales, materiales y espirituales de los hombres que habitan o habitaron el medio denominado.

No que tange a história das relações econômicas, poderemos observar o tipo de vínculo que os fitônimos estabelecem com os topônimos, a partir da forma com que os grupos sociais estabelecidos no espaço geográfico reproduzem um modelo econômico com os recursos da terra. Da relação extrativa que os povos indígenas estabelecem num princípio de equilíbrio da floresta, até o modelo de exploração econômica comercial como a monocultura latifundiária, passando pelo sistema campesino de subsistência, a fitonímia marca topônimos por todas as fases de ocupação do Estado de São Paulo. A forma com que estes fatos se correlacionam com dimensões mais amplas da relação do ser humano com o espaço, como as dimensões psicológica, social e espiritual, dignas de uma análise profunda, será abordada apenas brevemente neste trabalho, que busca focar a possibilidade metodológica de colocar as Ciências Onomásticas apoiando a ecologia para a solução de problemas reais postos pela atual crise ambiental.

Sendo assim, este trabalho se aproxima da linha de pesquisa que mergulha no terreno ainda pouco explorado da fitotoponímia, de modo a buscar compreender para melhorar a relação ser humano x natureza:

A fitotoponímia, em particular, é um poderoso instrumento de trabalho quer para a História quer para a Filologia, uma fonte muito útil para conhecer as características da paisagem atual e da mais antiga. Na maior parte das vezes, segue de perto a relação das pessoas com a natureza e com sua utilização, quando não com a posse ou com história de um determinado território, reportando-se aos seus aspectos mais marcantes (ALVES, RAMOS e CARVALHO, 2010).

O trecho acima, apresentado no I Encontro Português de Etnobiologia e Revista de Fitoterapia (e não num encontro de Filologia), evidencia o caráter interdisciplinar e abre caminho para o diálogo de áreas científicas aparentemente distantes, impulsionando um novo paradigma epistemológico para a construção de saberes transversais.

3. Metodologia: categorias para tabelamento de dados fitotoponímicos.

A metodologia adotada para este trabalho foi selecionar, a partir do banco de dados do IBGE, todos os fitotopônimos presentes na lista de cidades do Estado de São Paulo, fichando, com cada signo, categorias relevantes para o enfoque desta análise. Seriam categorias para o tabelamento de dados fitotoponímicos:

- **Nome:** Nome do fitotopônimo. Para esta categoria, adotou-se o sentido amplo de fitônimos, isto é, qualquer referência ao universo vegetal que se possa resgatar na etimologia (espécies vegetais, partes de vegetais, famílias botânicas, nomes genéricos para vegetação local e etc.) e ainda fitônimos cristalizados em outras espécies de nomes (antropônimos, zoônimos e etnônimos).
- **Etimologia:** Esta categoria foi elaborada para esclarecer a origem do nome quando esta se faz necessária, bem como classificar as espécies encontradas de acordo com sua família botânica. Nos casos onde a etimologia era óbvia (ex: Limeira) ou inacessível por remeter diretamente ao nome de uma espécie vegetal (ex: Orindiúva), a categoria foi preenchida apenas com o nome da família botânica da espécie. O objetivo desta categoria é de facilitar a ligação do significante (o fitotopônimo) com seu significado concreto (os vegetais), os quais seriam matéria prima de um processo de restauração ambiental.
- **Morfologia:** Esta categoria pretende avaliar a versatilidade dos fitônimos para permearem topônimos, tanto na forma de nomes simples, quanto nomes compostos.
- **Raiz:** A matriz linguística da raiz do fitônimo, portuguesa (P) ou tupi (T), tem por objetivo não só a informação linguística de saber quantos destes fitônimos são indígenas e quantos são portugueses, mas também buscar conferir se isto se correlaciona com a classificação de espécies entre nativas e introduzidas. Palavras de origens estrangeiras e não portuguesas, contudo, incorporadas no léxico português (tais quais Bananal, Rubiácea e etc.) foram classificadas como (P) portuguesas. Afora *timburi*, não foi

captada, no crivo de nossa pesquisa, nenhuma outra língua indígena para fitotopônimos, mas as informações etimológicas ainda são escassas e confusas, podendo haver erros de tradução.

- **Extrato:** Temos por extrato, nas técnicas de reflorestamento, a dimensão espacial ocupada pelos vegetais. Tal informação é de extrema importância para consorciar espécies em processos cooperativos de interação na biodiversidade. Assim, subdividimos as espécies em plantas (para aquáticas, rasteiras, arbustivas, cipós e 1 cogumelo - *Urupés* - visto que, apesar de não ser vegetal, é fundamental no reflorestamento), árvores (pequeno, médio e alto porte), geo-vegetal para nomes genéricos que caracterizam uma forma de ocupação vegetal no espaço (tais como “Campos” e “Campina”) e genérico para casos onde este dimensionamento não é possível (*Florínia, Potirendaba*).
- **Uso Econômico:** Nesta categoria, analisamos a dimensão econômica que o ser humano pode estabelecer com as espécies ou com o tipo de vegetação apontado no topônimo. Suas possibilidades foram divididas em: a) Extrativismo (EX) – remete à extração de espécies não cultivadas no modelo econômico indígena, mas passíveis em escalas maiores pela atividade madeireira; b) Subsistência (SU) – remete às culturas de produção local para abastecimento local, alimentícios da agricultura familiar; c) Ornamentais (OR) para plantas de fins paisagísticos, em sua maioria espécies introduzidas, e por fim; d) Valor Produtivo (VP) – Para as variedades agrícolas que compuseram ou compõem a economia nacional, não só para consumo interno, mas também com perspectiva de exportação.
- **Origem:** Nesta categoria, separamos plantas nativas de introduzidas (também chamadas de exóticas). Tem por finalidade apontar o processo histórico de ocupação econômica do espaço, paralelo ao processo de devastação ambiental, mas também observar se os topônimos apontam ainda para o potencial produtivo de culturas agrícolas no território.
- **Mesorregião:** A subdivisão do Estado de São Paulo em mesorregiões estabelecida pelo IBGE é usada aqui para facilitar o mapeamento dos fitotopônimos nos biomas do estado de São Paulo em que, apesar da diversidade de áreas de transição, é possível mapear predominâncias prototípicas de cerrado, mata atlântica e mata de araucárias.

Com as categorias acima, organizamos um tabelamento de dados. Trouxemos em anexo como modo de não atrapalhar a leitura. Os dados podem ser estudados em análises ou em

práticas lexicográficas como lista de vocabulários, glossários entre outros. Nós estudamos os dados a partir de uma análise linguística e análise ecológica no objetivo de elaborações de planos de reflorestamento ambiental.

4. Análise Linguística

Dos 645 municípios do Estado de São Paulo (IBGE 2013), 95 municípios (14,72%) são (ou possuem na sua composição) alguma alusão direta ou indireta ao reino vegetal, que aqui tomaremos por fitotopônimos.

Destes 95 municípios, 23 municípios possuem fitotopônimos compostos como *Flora Rica*, *Palmeira d'Oeste*, *Nova Campina* e *Laranjal Paulista*. Apenas 1 topônimo possui 2 fitônimos em sua composição: *Cássia dos Coqueiros*. Segundo o IBGE, ambos os nomes foram motivados pelas árvores que os designam sem alusão ao antropônimo *Cássia*. Afora isso, convém destacar que, dos compostos, destacam-se os hagio e hierotopônimos como *Santa Cruz das Palmeiras*, *São José dos Campos*, *São Bento do Sapucaí* e *São João do Pau d'Alho* (salvo nenhum destes sejam “falsos hagiopônimos”). Dos 72 nomes simples, podemos observar uma grande variedade de espécies vegetais como *Aguai*, *Braúna*, *Dracena*, *Jaborandi*, *Marapoama*. Também encontramos derivações como *Indaiatuba* (ajuntamento de indaiás), *Jaboticabal* e *Vinhedo* e *Cafelândia*. Um hibridismo curioso chama a atenção: *Narandiba* (ajuntamento de laranjas – *ñaranja* + *diba*). É possível que a nomeação de 1944, que mudou o nome de *Patrimônio São Francisco de Paula* para *Narandiba*, tenha ocorrido sob influência da “tupimania” e tenha resgatado o nome do guarani, que por sua vez se vale do espanhol para nomear a planta introduzida: *ñaranja* > *Narandiba*. São nomes simples ou ainda composições cristalizadas, diversos nomes genéricos para a vegetação como *Nipoã* e *Caçapava* (“campo redondo” e “trilha da mata” ambos do tupi), *Matão*, *Hortolândia*, *Florínia* e *Jardinópolis*.

Dos 95 fitônimos levantados, em 53 a raiz do fitônimo é de origem Tupi, sendo que o único nome possivelmente do tronco Gê constatado (*Timburi* – árvore fabácea) foi incorporado nesta categoria formando assim 54 nomes de origem indígena. Estão aqui todos os fitônimos indígenas, ainda que na composição destes tenham nomes em português como *Santópolis do Aguapeí* e *São Bento do Sapucaí*. À exceção de *Narandiba*, que se vale de uma composição híbrida para designar uma espécie introduzida, a absoluta maioria de fitônimos tupis que se referem a espécies vegetais, se referem a espécies nativas como *Cabreúva*, *Embaúba* e *Ibirarema*. Somente duas destas espécies não ocorrem hoje no Estado de São Paulo e são consideradas variedades amazônicas: *Murutinga do Sul* e *Marapoama* (denominados em 1953

e 1936 respectivamente). Sobram, destas 54, ainda 7 cidades com nomes genéricos para a vegetação, mas ao que tudo indica, motivados ainda pela vegetação nativa como *Nipoã*, *Caçapava* e *Catanduva* (“mato duro”). Ressalvo aqui apenas *Potirendaba* (lugar das flores – jardim), que, sendo nomeado pelo nome indígena apenas em 1919, pode ser mais um fruto da “tupimania”, designando com um termo genérico da vegetação nativa, mas, sim, na referência aos jardins domesticados.

Dos 40 nomes que nos sobram em português, não há correspondência entre a origem da raiz etimológica e a origem das espécies, visto que muitas espécies tiveram seus nomes indígenas substituídos ou traduzidos por nomes portugueses tais como: *São João do Pau d’Alho* (*Ibirarema* em tupi), *Santo Antônio do Pinhal* (*Cori*, a *Araucária* em tupi), *Cedral*, cujo nome português designa algumas nativas arbóreas da família das meliáceas, e ainda uma série de 4 topônimos com alusão as palmáceas nacionais (*Palmares Paulista*, *Palmeira d’Oeste*, *Santa Cruz das Palmeiras* e *Cássia dos Coqueiros*). Estão presentes, nos nomes em português, à exceção de *Narandiba*, absolutamente todas as espécies da economia de subsistência (*Bananal* e *Batatais*), ornamentais (*Dracena*, *Roseira* e *São Sebastião da Grama*) e as espécies de alto valor produtivo para a economia nacional (*Rubiácea*, *Vinhedo*, *Limeira*, *Cafelândia*, *Laranjal Paulista* e *Canas*). Estão ainda, entre fitotopônimos em português, uma série de 7 nomes com alusão ao *campo* como *Campina do Monte Alegre*, *Nova Campina* e *Campos do Jordão*. Buscaremos desvendar se estes nomes que fazem alusão ao *campo* se referem à vegetação nativa (vide a presença do Cerrado no Estado) ou à pastagem do gado, largamente desenvolvida para subsistência e produção de mercado.

5. Análise Ecológica

Excluem-se da análise ecológica 6 topônimos que, por referência ao reino vegetal de modo genérico demais, não têm relevância para a análise ecológica: *Potirendaba*, *Ubirajara*, *Floreal*, *Florínia*, *Santo Antônio do Jardim* e *Jardinópolis*.

Árvores: Interessa saber para a Ecologia, se a distribuição de fitônimos de árvores nos topônimos corresponde à incidência das espécies no bioma. Para a atividade de reflorestamento é fundamental respeitar a proporção natural, aplicando um alto plantio de árvores pioneiras e secundárias no princípio da regeneração da floresta, para que estas plantas recuperem o solo e tragam sombra que permita a germinação das árvores tardias num estágio clímax do reflorestamento.

Dos 95 nomes de cidades listados, 50 são nomes de árvores, 42 são fitônimos referentes a árvores nativas, 7 são árvores introduzidas, das quais 5 têm valor produtivo (todas Rutáceas e Rubiáceas) e 2, *Cravinhos* e *Pereiras*, são fitônimos que persistiram em antropônimos, e logo não têm relevância para a restauração ambiental. Há apenas uma exceção nesta categoria, na composição *Cássia do Coqueiros*, que contempla uma exótica e uma nativa. Entre essas árvores, se encontram pouquíssimas árvores pioneiras como a *Embaúba* e *Orínduva*, algumas secundárias como Jabuticaba – *Jabuticabal*, Pitanga – *Pitangueiras*, Pau d’Alho – *Guararema* e uma diversidade de árvores tardias como Indaía – *Indaituba*, Palmeira (possivelmente a Jussara) – *Palmeiras d’Oeste*, Sapucaia – *São Bento da Sapucaí* e, ainda, uma espécie rara extremamente tardia, a *Guaiçara*.

Plantas: Do total de cidades, 24 são nomes de plantas, sendo que apenas 2 são espécies de interesse produtivo (*Canas* e *Vinhedo*), 3 são ornamentais (*Dracena*, *Roseira* e *São Sebastião da Grama*) e 2 são de subsistência (*Batatais* e *Bananal*), sendo as demais 15 plantas todas nativas e de alto interesse para o reflorestamento. Destaque para o bambu taquara que recebeu 5 homenagens: *Taquaral*, *Taquaratinga*, *Taquarituba*, *Taquarivaí* e *Inúbia Paulista* (Inúbia – flauta de taquara); plantas macrófitas (típicas de brejo): Cana-de-brejo – *Ubatuba* e Aguapé – *Santópolis do Aguapé*; plantas de sub-bosque, como *Guaimbê* e *Marapoama*; pioneiras, como a *Taiuva* e o *Guaraçai*, e ainda um cogumelo, o Orelha-de-pau – *Urupés*, que recicla nutrientes no solo e auxilia a decomposição de madeiras promovendo fertilidade do ecossistema.

Geo-vegetal: Os topônimos de referência geo-vegetal (geofitotopônimos) podem ser de extrema importância para a Ecologia ao recompor as paisagens originais. Numa área onde boa parte dos ecossistemas são áreas de transição (cerrado-mata-atlântica, araucária-cerrado, araucária-mata-atlântica), ao visualizar o traço marcante de cada local acusado no topônimo, podemos direcionar um plano de restauração ambiental com maior precisão.

Afora os 7 nomes com referência a *campo*, já citados acima, existem mais dois nomes em tupi com sentido semelhante: *Nipoã* e *Nuporanga*, da raiz *nu*, “campo” em tupi. Passíveis de serem nomeações recentes e artificiais, resta a todos estes conferir se estão aludindo ao cerrado ou à pecuária.

Alguns evidentemente se referem à mata-atlântica, como *Matão*, *Hortolândia* (em alusão ao Horto Florestal) *Caçapava*, *Flora Rica* e *Cajuru* (“boca da mata” em tupi). E ainda

um topônimo indicando uma vegetação peculiar transversal aos biomas brasileiros, a *Restinga*, que indica regiões arenosas com a presença de herbáceas.

Mesorregião

A Mesorregião é uma categoria importante para análise linguística e ecológica. Distribuem-se por 3 biomas prototípicos de maior dominância no Sudeste: uma mata-atlântica densa e costeira ao Leste, o cerrado em transição avançando pelo Norte no centro do estado e, novamente, a mata-atlântica semicaducifólica ao Oeste, na região conhecida como “Oeste Paulista”. Partindo do Sul em direção ao cerrado, mas permeando pelas bordas na mata-atlântica, temos matas de araucária amalgamando extensas áreas de transição.

Mata-atlântica costeira: Na região leste de mata-atlântica, encontram-se as mesorregiões do Vale do Paraíba, Litoral Sul (o Vale do Ribeira), e a região Metropolitana. Encontramos, nesse faixa, espécies representativas de seu bioma como Cabreúva, Sapucaia, Araçá, Guararema e Cajamar. O litoral Sul só tem um fitônimo, *Cajati*, de alto valor restaurativo. Apenas o Vale do Paraíba não deu preferência para fitônimos indígenas de plantas nativas em seus topônimos: *Bananal*, *Roseira*, *Canas etc.* Aqui já observam Campos do Jordão e São José dos Campos, que figuram fora do cerrado, deixando a nós especular sobre a motivação pecuária. Dos fitônimos ligados a atividades produtivas, apenas banana e cana-de-açúcar podem ser resgatadas.

Cerrado: Na região central de dominância de cerrado, temos as mesorregiões de Ribeirão Preto, Campinas, Piracicaba, Bauru, Araraquara, Itapetininga e Assis. Emergem desta estratificação plantas típicas e simbólicas do cerrado. Ao Buriti (*Buri*, *Buritizal*), Jaborandi, Timburi, Indaiá (*Indaiatuba*), Macaúba (*Macatuba*), e Tarumã. A toponímia atesta também os mapas que apontam para o encontro da mata de araucária com o cerrado, pois nesta faixa do estado encontramos 2 alusões às araucárias: *Espírito Santo do Pinhal* e *Santo Antônio do Pinhal*. Também vêm corroborar nossa tese da ligação campo–cerrado os topônimos *Nuporanga*, *Nova Campina*, *Campina do Monte Alegre*, *Campinas* e *Campos Novos Paulista*. Os topônimos indicam, ainda, produção de café, uva e laranja nessa região.

Mata-atlântica semicaducifólica: Comporta este bioma as mesorregiões de São José do Rio Preto, Marília, Araçatuba, Presidente Prudente, sendo que Marília não possui nenhum fitotopônimo. Aqui também encontramos espécies representativas de seu bioma, como Macaúba, Catiguá, Embaúba, Palmeira e Braúna. Beirando a mesorregião de Bauru,

encontramos, próximo a Araçatuba, *Buritirama*, apontando para a transição com o cerrado nesta área. Os topônimos apontam também para a produção de café e laranjas nesta região.

6. Considerações Finais

É possível que os fitotopônimos tenham sido um dia topônimos perenes segundo a definição de Dauzat. Em especial, quando a fitotopônimo era marcado como traço representativo de um lugar (*Indaiatuba* – “ajuntamento de indaiás”, *Macatuba* – “ajuntamento de macaúbas”). No entanto, a nomenclatura que se estabelece com o processo de colonização modifica os topônimos como modifica a paisagem (*Limeira*, *Cafelândia*, *Canas* e etc.). A alta incidência de topônimos advindos de espécies nativas revela, contudo, um traço positivo da comunidade regional em preservar esta memória.

Alguns fenômenos da onomástica também puderam ser conferidos, em especial no que tange à rotatividade do banco de nomes:

Fitônimo > antropônimo > topônimo, como em *Pereira*.

Fitônimo > etnônimo > topônimo, como em *Ubirajara* (“senhores das árvores”).

Fitônimo > zoônimo > topônimo, como em *Araçariguama* (“lugar onde come o pássaro do araquá”).

Sobre a possibilidade de usar os fitotopônimos para orientar planos de reflorestamento e restauração ambiental, é de se ressaltar que se excluam os nomes artificiais e os nomes de plantas introduzidas para se ter aproveitamento.

Destas arbóreas nativas levantadas, o ecólogo sairia prejudicado, principalmente na pesquisa de árvores pioneiras, de fundamental importância para a atividade de reflorestamento. A preferência por árvores tardias na nomenclatura pode estar relacionada com a importância que elas têm no imaginário popular. As chamadas “madeiras de lei”, como a Braúna, Ipeúna, Guaiçara e Sapucaia, brilham aos olhos do popular por sua frondosidade, tanto quanto por sua utilidade na construção de casas e mobiliária. Ao lado destas, frutíferas e palmeiras se destacam compondo a paisagem com fidelidade, com Pitangas, Jabuticabas, Buritis, Indaiás e Coqueiros (este último de etimologia grega, que se encontra dispersa pelo mundo todo, mas desde sempre chamada pelos indígenas “inayaguassu”).

Se, por um lado, faltam nomes de árvores pioneiras e secundárias, a pesquisa traz uma lista inédita de plantas arbustivas, nativas, pioneiras e de sub-bosque, como o Guaimé, a Taiúva

e o Guaraçai. Tal categoria de plantas encontra-se defasada nos estudos de restauração e é constantemente ignorada em processos de reflorestamento que só utilizam árvores. Tais plantas são fundamentais para a recomposição dos ciclos de sucessão de espécies de cada bioma.

Encerramos este trabalho com a sugestão de que o ecólogo pesquise os fitônimos de outros topônimos como ruas, bairros, vilas, rios, montanhas e tudo o que for possível para complementar nossa lista com espécies locais.

Referências Bibliográficas

ALVES, A. B.; RAMOS, T. R.; CARVALHO, A. M. **Fitotoponímia na Terra de Miranda, Portugal**: Plantas, saberes e vestígios de outras eras em Picote. Poster. I Encontro Hispano-Português de Etnobiologia & Revista de Fitoterapia. Portugal, 2010.

CAMPS IGLESIA, Alina; NOROÑA VILÁ, María Teresa. **Aproximación al estudio de la Toponímia Cubana**. La Habana. S.d. pp. 5-24.

ANEXO: TABELAMENTO DE DADOS FITOTOPONÍMIOS.

Nome	Etimologia	Morf.	Estrato	Econ.	Raiz	Origem	Mesorregião
Vinhedo	Área de cultivo de uvas, planta <i>vitaceae</i> (VP)	S	Planta	VP	P	Introduzida	Campinas
Urupês	Cogumelo <i>poliporaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Ubirajara	Senhores das árvores	S	Genérico		T	Nativa	Piracicaba
Ubatuba	Planta <i>Poaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Vale do Paraíba
Turiúba	Árvore <i>chyrisobalanaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Araçatuba
Timburi	Árvore <i>fabaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Assis
Tarumã	Árvore <i>lamiaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Assis
Taquarivaí	Rio das taquaras finas, planta <i>Poaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Campinas
Taquarituba	Ajuntamento de taquaras, planta <i>Poaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Campinas
Taquaritinga	Taquara seca, planta <i>poaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Taquaral	Conjunto de taquara, planta <i>Poaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Taiúva	Planta <i>cucurbitaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
São Sebastião da Grama	Planta ornamental/paisagística	C	Planta	OR	P	Introduzida	Campinas
São José dos Campos	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Vale do Paraíba
São João do Pau d'Alho	Árvore <i>phytolaccaceae</i>	C	Árvore	EX	P	Nativa	Presidente Prudente
São Bernardo do Campo	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Metropolitana
São Bento do Sapucaí	Árvore <i>malvaceae</i>	C	Árvore	EX	T	Nativa	Vale do Paraíba
Santópolis do Aguapeí	Rio dos aguapés, planta <i>pontederiaceae</i>	C	Planta	EX	T	Nativa	Araçatuba
Santo Antônio do Pinhal	Árvore <i>araucariaceae</i>	C	Árvore	EX	P	Nativa	Campinas
Santo Antônio do Jardim	Alusão ao cultivo domesticado de plantas ornamentais	C	Genérico	OR	P	Modelo domesticado de vegetação introduzida	Campinas
Santa Cruz das Palmeiras	Árvore <i>palmaceae</i>	C	Árvore	EX	P	Nativa	Campinas
Rubiácea	Família botânica a qual pertence o café	S	Árvore	VP	P	Introduzida	Araçatuba
Roseira	Planta <i>rosaceae</i>	S	Planta	OR	P	Introduzida	Vale do Paraíba
Restinga	Formação geográfica arenosa com plantas herbáceas	S	geo-vegetal		T	Nativa	Ribeirão Preto
Potirendaba *	Região das flores	S	genérico		T	-	São José do Rio Preto
Pitangueiras	Árvore <i>myrtaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Pinhalzinho	Árvore <i>araucariaceae</i>	S	árvore	EX	P	Nativa	Campinas
Pereiras	Cristão Novo, planta <i>rosaceae</i>	S	árvore		P	Introduzida	Itapetininga
Palmital	Árvore <i>palmaceae</i>	S	árvore	EX	P	Nativa	Assis

Nome	Etimologia	Morf.	Estrato	Econ.	Raiz	Origem	Mesorregião
Palmital	Árvore <i>palmaceae</i>	S	árvore	EX	P	Nativa	Assis
Palmeira d'Oeste	Árvore <i>palmaceae</i>	C	árvore	EX	P	Nativa	São José do Rio Preto
Palmares Paulista	Árvore <i>palmaceae</i>	C	árvore	EX	P	Nativa	São José do Rio Preto
Orindiúva	Aroeira, árvore <i>anacardiaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Nuporanga	Campo Bonito	S	geo-vegetal		T	Vegetação Nativa	Ribeirão Preto
Nova Campina	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido	Itapetininga
Nipoã	Campo redondo	S	geo-vegetal		T	Vegetação Nativa	São José do Rio Preto
Narandiba	Hibridismo, ajuntamento de laranjas, planta <i>rutaceae</i> (VP)	S	árvore	VP	H	Introduzida	Presidente Prudente
Murutinga do Sul	Planta canácea	C	planta	EX	T	Nativa	Araçatuba
Matão	Genérico para floresta	S	geo-vegetal		P	Nativa	Araraquara
Marapoama	Planta <i>olcaceae</i>	S	planta	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Macaubal	Conjunto de Macáuba, árvore <i>aracaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Macatuba	Ajuntamento de Macáuba, árvore <i>aracaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Bauru
Limeira	Árvore <i>rutaceae</i> (VP) híbrida	S	árvore	VP	P	Introduzida	Piracicaba
Laranjal Paulista	<i>Rutaceae</i> (VP)	C	árvore	VP	P	Introduzida	Itapetininga
Jarinu	Rio da jarina, árvore <i>palmaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Metropolitana
Jardinópolis	Cidade dos jardins	S	genérico	OR	P	Vegetação introduzida	Ribeirão Preto
Jambeiro	Árvore <i>myrtaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Vale do Paraíba
Jaboticabal	Conjunto de Jaboticaba, árvore <i>myrtaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Jaborandi	Árvore <i>Rutaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Ipeúna	Árvore <i>bigniacaeae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Piracicaba
Iperó	Casca amarga, usada para Flauta feita de taquara, planta <i>Poaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Metropolitana
Inúbia Paulista		C	Planta	EX	T	Nativa	Presidente Prudente
Indaiatuba	Árvore <i>palmaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Campinas
Ibirarema	Árvore fedorenta, referência ao Pau d'alho, árvore <i>phytolaccaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Assis
Ibirá	Árvore, tradução literal	S	Árvore	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Hortolândia	Referência ao Horto Florestal	S	geo-vegetal		P	Nativa	Campinas
Guararema	Árvore fedorenta, referência ao Pau d'alho, árvore <i>phytolaccaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Metropolitano
Guarantã	Árvore <i>rutaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Bauru
Guaraçai	Planta <i>fabáceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Araçatuba
Guaira	Nome genérico para madeiras nobres	S	Árvore	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Guaimbê	Planta <i>araceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Bauru
Guaiçara	Árvore <i>papilionoideae</i> (rara)	S	Árvore	EX	T	Nativa	Bauru

Nome	Etimologia	Morf.	Estrato	Econ.	Raiz	Origem	Mesorregião
Florínia	(latim) parece querer sobrepor o antigo nome: pântano.	S	Genérico		P		Assis
Floreal	(latim) alusão a flora exuberante	S	Genérico		P	Nativa	São José do Rio Preto
Flora Rica	(latim) senso comum para biodiversidade nativa.	C	geo-vegetal		P	Nativa	Presidente Prudente
Espírito Santo do Pinhal	Árvore <i>araucareaceae</i>	C	Árvore	EX	P	Nativa	Campinas
Embaúba	Planta <i>urticaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Dracena	Planta <i>ruscaceae</i>	S	Planta	OR	P	Introduzida	Presidente Prudente
Cravinhos	Árvore <i>myrtaceae</i>	S	Árvore	EX	P	Introduzida	Ribeirão Preto
Cedral	Apesar de designar árvores <i>pinaceae</i> exóticas, é amplamente usada para designar nativas <i>meliaceae</i>	S	Árvore	EX	P	Nativa	São José do Rio Preto
Catiguá	Diversas espécies <i>meliaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Genérica a espécies nativas	São José do Rio Preto
Catanduva	Ajuntamento de mato duro	S	Planta	EX	T	Nativa	São José do Rio Preto
Cássia dos Coqueiros	Composição de duas plantas: Planta <i>fabaceae</i> e planta <i>palmaceae</i>	C	Árvore		P	Introduzida e nativa	Ribeirão Preto
Canas	Planta <i>Poaceae</i> (VP)	S	Planta	VP	P	Introduzida	Vale do Paraíba
Campos Novos Paulista	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Assis
Campos do Jordão	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Vale do paraíba
Campo Limpo Paulista	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Metropolitana
Campos Novos Paulista	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Assis
Campos do Jordão	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Vale do paraíba
Campo Limpo Paulista	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Metropolitana
Campinas	(latim) que é do campo	S	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Campinas
Campina do Monte Alegre	(latim) que é do campo	C	geo-vegetal		P	Pasto introduzido ou cerrado nativo	Itapetininga
Cajuru	Boca da Mata	S	geo-vegetal		T	Genérica a floresta nativa	Ribeirão Preto

Nome	Etimologia	Morf.	Estrato	Econ.	Raiz	Origem	Mesorregião
Cajati	Árvore <i>lauraceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Litoral sul
Cajamar	Fruto do cajá, árvore <i>anacardiaceae</i>	S	árvore	EX	T	Nativa	Metropolitana
Cafelândia	Terra do café, planta <i>rubiacae</i> (VP)	S	árvore	VP	P	Introduzida	Bauru
Caçapava	Lugar de atravessar a mata	S	geo-vegetal		T	Genérica a floresta nativa	Vale do Paraíba
Cabreúva	Árvore <i>fabáceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Metropolitana
Buritizal	Conjunto de Buritis, árvore <i>palmaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Ribeirão Preto
Buritama	Região de Buris, árvore <i>palmaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Araçatuba
Buri	Árvore <i>palmaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Itapetininga
Braúna	Árvore <i>fabáceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Araçatuba
Biritiba-Mirim	Ajuntamento de pequenas biribas, planta <i>myrtaceae</i>	C	Planta	EX	T	Nativa	Metropolitana
Batatais	Batata, planta <i>solanaceae</i>	S	Planta	SU	P	Introduzida	Ribeirão Preto
Bananal	Banana, planta <i>musaceae</i>	S	Planta	SU	P	Introduzida	Vale do Paraíba
Bálsamo	Cabreúva-vermelha, <i>papilionidea</i>	S	Árvore	EX	P	Nativa	São José do Rio Preto
Araçatuba	Ajuntamento de Araçás, árvore <i>myrtaceae</i>	S	Árvore	EX	T	Nativa	Araçatuba
Araçariguama	Local dos pássaros do araçá bebem água	S	Árvore	EX	T	Nativa	Metropolitana
Aguai	Planta <i>apocinaceae</i>	S	Planta	EX	T	Nativa	Campinas